

Restauração, tombamento, valorização do histórico patrimônio das Missões

FRANCISCO OLIVEIRA
Da sucursal de Porto Alegre

As ruínas das Missões podem cair a qualquer momento. Esse alerta, feito no relatório de um técnico que há três anos foi lá ver as causas do desmoronamento de um pedaço de parede, percorreu os órgãos encarregados da preservação do Patrimônio Histórico como um furacão. De imediato começaram a se estudar as soluções capazes de evitar um desastre maior, inclusive com a assessoria de um especialista da Unesco. Ele também foi conhecer os últimos vestígios do verdadeiro império teocrático implantado pelos Jesuítas no Sul do País, já chamado de República Comunista Cristã dos Guaranis, e, para maior surpresa, advertiu: os restos das Missões são tão importantes para a América quanto o Partenon é para a Europa. Os recursos, então, começaram a aparecer e ainda neste semestre serão iniciados os trabalhos para sua recuperação, enquanto se prepara o cenário para um ato ainda mais importante: o tombamento mundial, reunindo os despojos das reduções do Paraguai e Argentina.

Mandada para a América Latina como frente avançada da Igreja Católica, a Companhia de Jesus, no Sul do País, implantou os chamados Sete Povos das Missões Orientais do Uruguai, num modelo de organização que, segundo controvérsia apontada num estudo do professor Júlio Curtis, delegado da Secretaria do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional no Rio Grande do Sul, pode ter sua origem na "Utopia", de Thomas More, na "Cidade do Sol", de Campanella, ou mesmo na "República", de Platão. Os índios dedicavam-se à criação de gado, exploração da erva-mate e foram, ainda segundo Curtis, induzidos ao misticismo, pautando suas relações pela moral cristã. As propriedades eram coletivas, a organização e tecnologia utilizadas nas diversas áreas e, mesmo, a infra-estrutura montada, inclusive com rede de esgotos, foram consideradas como muito avançadas para o início do século XVII, quando os Jesuítas começaram a instalar suas reduções na região atualmente compreendida pelo noroeste do Rio Grande do Sul.

Em 1640 já existiam numerosos aldeamentos, mas os chamados Sete Povos (São Borja, São Nicolau, São Luiz Gonzaga, São Lourenço Mártir, São João Batista, São Miguel Arcanjo e Santo Ângelo Custódio) somente se estabeleceram a partir de 1682. O último deles, em 1707. Na metade do século XVII, houve o apogeu das Missões, cujas estâncias se estenderam por grande parte do Rio Grande do Sul até o outro lado da fronteira, com o Uruguai, em direção ao mar. Por essa época, no entanto, Portugal passou para o império espanhol a colônia de Sacramento e recebeu em troca a região missioneira. Os índios, em razão disso, foram expulsos e resistiram, envolvendo-se na chamada Guerra de Demarcação, quando milhares deles foram dizimados e os sobreviventes expulsos pelas tropas portuguesas e espanholas para a outra margem do rio Uruguai. Sepé Tiaraju, um herói guarani mitificado pelos índios, morreu numa dessas batalhas. Em 1768, com a expulsão dos Jesuítas da América Espanhola, sepultou-se o Império Teocrático.

Muito pouca coisa resta atualmente, como lembrança dessa experiência revolucionária. O monumento mais importante é a Igreja de São Miguel, no atual município de Santo Ângelo (que também foi uma redução, mas a implantação da cidade na mesma área eliminou inteiramente seus vestígios), a cerca de 500 quilômetros de Porto Alegre. E é essa igreja que o consultor da Unesco, Roberto Di Stefano, comparou ao Partenon, quando no ano passado lá esteve para uma primeira avaliação do

que poderia ser feito para corrigir uma inclinação de 60 centímetros existente em sua frontaria e que ameaça fazer ruir toda a construção.

Durante a Guerra da Demarcação ela foi queimada. Por volta de 1790 houve uma tentativa de reconstruir o telhado, mas até hoje a igreja está descoberta, exposta às intempéries e à depredação, que cresceu durante o tempo. Entre 1925 e 28, as paredes, que na época já ameaçavam ruir, foram escoradas com trilhos da ex-Viação Férrea do Rio Grande do Sul. De 1938 a 40, novos trabalhos: foram reaprumadas as fundações, parte do pórtico e da torre (que estavam com uma inclinação de 1,30m). Em 1968 foi feito novo reforço na fachada e, desde então, as ruínas foram abandonadas. Em 1979, sete metros quadrados de uma parede interna caíram por infiltração de água. Foi nessa época que o engenheiro Júlio Curtis esteve no local e constatou o perigo de um desmoronamento total, fazendo a advertência num relatório enviado ao então Instituto do Patrimônio Histórico, com uma sugestão: recorrer à Unesco, para que apoiasse financeiramente e com assessoria de seus técnicos.

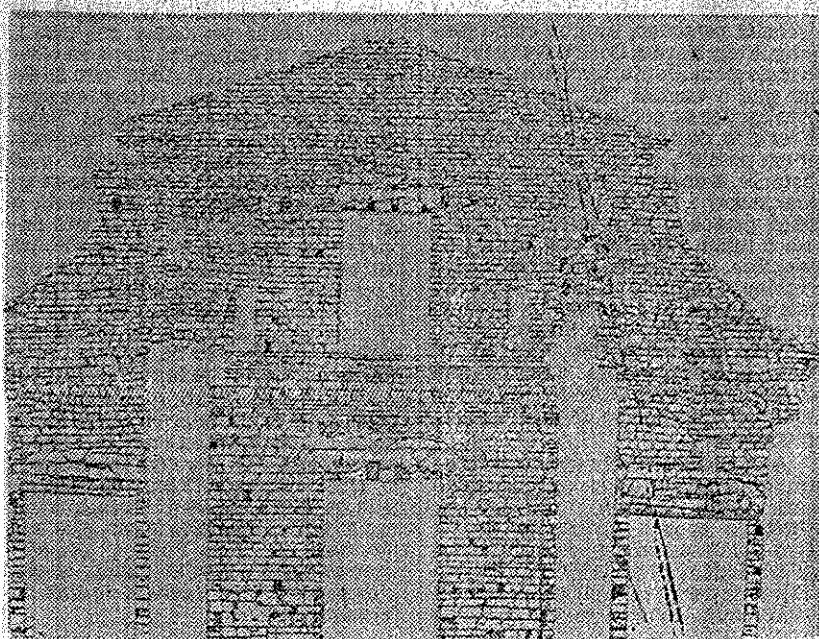
Tudo isso foi feito. Em 80 decidiu-se gastar o que fosse necessário e a solução seria dada pelo próprio especialista da Unesco. Antes de decidir o que fazer ele pediu, entre outros, os seguintes levantamentos: um gráfico das ruínas, um fotográfico registrando os menores detalhes da deterioração nas pedras, um fotogramétrico das duas faces da frontaria e das quatro faces da torre, inúmeros outros exames: químicos, de materiais, estrutura do solo e recomendou ainda outro trabalho considerado muito importante: controle do desaprumo da frontaria para ver se a inclinação está aumentando. Neste aspecto descobriu-se uma grande sofisticação na arquitetura das reduções. A igreja já foi feita com uma inclinação proposital, para "correção ótica".

Assim, obteve-se um levantamento cadastral pedra por pedra. Sabe-se a fissura, as plantas existentes em cada pedra e o que acontece com cada uma delas. Esse é um trabalho que, segundo Júlio Curtis, nunca foi feito em nenhum monumento brasileiro. São tantas as informações que, se a frontaria chegar a cair, será possível reconstruí-la a partir dos mapeamentos já realizados e que foram entregues há pouco tempo para a delegacia da Sphan em Porto Alegre.

Dessa forma, está tudo pronto para que Roberto Di Stefano defina o que pretende fazer. Dias 26 e 27 deste mês ele visitará novamente as Missões, receberá todos os estudos e se reunirá com o secretário de Cultura do MEC, Aluísio Magalhães, e especialistas na conservação do Patrimônio de Pernambuco, Minas e Rio Grande do Sul.

A Sphan e a Fundação Pró-Memória deverão aplicar este ano, somente na recuperação da Igreja de São Miguel, cerca de Cr\$ 20 milhões. A intenção é começar as obras até junho ou julho, para que ainda este ano seja feita a estabilização pelo menos da frontaria.

Enquanto isso, abre-se uma perspectiva que o delegado da Sphan no Rio Grande do Sul considera muito importante. A Unesco poderá realizar o tombamento mundial de todo o patrimônio das Missões, inclusive as ruínas que se encontram no Paraguai e Argentina. No início do mês de novembro do ano passado representantes de órgãos ligados à proteção do patrimônio histórico dos três países reuniram-se em Posadas, Argentina, e, no documento final, defenderam justamente essa possibilidade. O movimento está sendo articulado e, quando a proposta for feita pelos três países, será conjunta.



Mapeamento das pedras da fachada da Igreja de São Miguel